

O ENSINO DE EMPREENDEDORISMO SOB DIFERENTES ABORDAGENS

João Massuda Junior; Marilyn A. Errobidarte de Matos*

E-mail: marilyn_matos@hotmail.com

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul – Campus
Campo Grande

DOI: 10.15628/rbept.2020.6740

Artigo submetido em: dez./2017 e aceito em: abr./2020

RESUMO

O objetivo deste artigo é verificar diferenças no potencial empreendedor de estudantes que tenham passado por uma abordagem tradicional de ensino sobre empreendedorismo em relação aos estudantes que foram submetidos a um programa de ensino para empreendedorismo ministrado de forma complementar e simultânea. Para a coleta de dados foram aplicados instrumentos de avaliação do potencial empreendedor (PPE) a 23 estudantes e posteriormente analisados no programa de análise estatística SPSS 20. Dentre outras informações, o estudo realizado revelou que estatisticamente não houve diferença significativa entre o potencial empreendedor dos estudantes que cursaram apenas a disciplina de empreendedorismo, no formato tradicional, e dos estudantes que participaram, de forma adicional e concomitante, do projeto Mini Empresa ofertado pela ONG Junior *Achievement*.

Palavras-Chave: Potencial empreendedor. Práticas de ensino e aprendizagem. Ensino médio.

DIFFERENT APPROACHES TO ENTREPRENEURSHIP EDUCATION

ABSTRACT

The aim of this article is to verify differences in the entrepreneurial potential of students who have undergone a traditional entrepreneurship education in relation to students who have undergone a complementary and simultaneous entrepreneurship teaching program. The Potential Entrepreneur Profile evaluation had been applied to assess the entrepreneurial potential of 23 students, whose data were analyzed using SPSS 20 statistical analysis program. Among other things, the study revealed that statistically it was not possible to prove significant differences between the entrepreneurial potential of students who solely attended traditional entrepreneurship classes and students who, along with the traditional education, participated in the Mini Company project offered by an NGO called Junior Achievement.

Keywords: Entrepreneurial potential, teaching methods and learning, high school.

1 INTRODUÇÃO

À medida que as instituições de ensino expandem seus cursos na área de empreendedorismo, e as organizações buscam indivíduos com comportamentos e habilidades empreendedoras, fica cada vez mais claro o papel central que está sendo assumido por esta disciplina na formação profissional (LUSSIER, CORMAN, KIMBALL, 2015). No entanto, a competência destes mesmos cursos de formação de futuros empreendedores, tão necessários na atualidade, ainda é um campo de pesquisa a ser explorado tendo em vista a diversidade de conteúdos e formatos assumidos por eles, e da multiplicidade de conceitos para o termo empreendedorismo.

Esta diversidade de conteúdos e metodologias provoca na comunidade científica o desejo de avaliar a eficácia destas diferentes formas de se ensinar de maneira a nortear o desenvolvimento de programas com maior potencial de atender as demandas evidenciadas pela sociedade e pelo mundo do trabalho.

Olomi e Sabokwigina (2010) apresentam uma reflexão acerca de como o processo de ensino pode ser organizado, podendo, de acordo com os autores, se conformar como um ensino: i) sobre empreendedorismo ou ii) para o empreendedorismo, o primeiro tem como foco a conscientização dos estudantes sobre o que vem a ser empreendedorismo e seu surgimento, apresentando sua importância para o desenvolvimento econômico e diversos outros aspectos sociais. Normalmente as discussões existentes, nesta perspectiva de trabalho, assumem caráter teórico e são ministrados de forma tradicional, partindo da utilização de livros textos, exposições orais, elaboração de textos, pesquisas a bases de dados e um exame final ao término da disciplina.

Por outro lado, o ensino para o empreendedorismo tem como foco a preparação de “aspirantes a empreendedores, desenvolvendo competências, habilidades práticas, atitudes e valores necessários à criação e gestão de pequenas e médias empresas” (OLOMI; SABOKWIGINA, 2010, p. 4). Para Da Silva e Pena (2017) apesar da literatura indicar maior eficácia à prática empreendedora,

a utilização de métodos mais ativos de ensino, capazes de transmitir conhecimentos teóricos e, sobretudo, habilidades, competências e incentivo [...] deve haver outras variáveis preditoras para a formação do empreendedor para além da educação formal, como sua experiência, seu histórico de trabalho, sua família e outros. (DA SILVA; PENA, 2017, p. 391).

Ainda tange à discussão das metodologias e conteúdo para o ensino de empreendedorismo o nível de ensino a que se destinam. Hoje a disciplina empreendedorismo está presente no currículo oficial de cursos: técnico

subsequente, técnico médio, tecnólogo, graduação e pós-graduação, conferindo a área destaque nos currículos de formação profissional.

Diante destas duas formas de compreender o ensino de empreendedorismo, i) sobre e ii) para o empreendedorismo, a pergunta que surge se debruça sobre a tarefa de identificar: qual das abordagens apresentadas oferece maior eficácia na tarefa *de munir seus estudantes de conhecimentos e instrumentos* adequados à seguir caminho na estrada empreendedora?

Neste sentido, este trabalho, teve como objetivo contribuir para o aprofundamento das discussões acerca da produtividade do ensino sobre empreendedorismo e para o empreendedorismo ministrados de forma complementar e simultânea.

Para realização deste intento, através de uma abordagem quantitativa, buscou-se mensurar **o potencial empreendedor** dos estudantes do 7º semestre dos cursos Técnicos Integrados de Eletrotécnica e Mecânica do IFMS Campus Campo Grande e através da análise estatística dos dados apresentados verificarem se existem diferenças significativas do potencial empreendedor de estudantes que tenham passado por uma abordagem apenas tradicional de ensino em relação aos estudantes que foram submetidos, de forma complementar, a um programa de ensino para empreendedorismo calcado em experiências práticas, maior contato com empreendedores e simulações da realidade empresarial.

2 COMPREENDENDO O CONCEITO DE EMPREENDEDORISMO

Nos últimos anos é perceptível o aumento do interesse da sociedade acerca da temática empreendedorismo. Tal interesse é visível a partir do número cada vez crescente de publicações destinadas a buscar uma melhor compreensão sobre o que vem a ser este termo, bem como seu impacto na sociedade e no mundo dos negócios.

Tamanha relevância já fora percebida há pelo menos 18 anos quando Fillion (1999) contabilizou mais de mil publicações realizadas anualmente no intuito de discutir sobre a temática em questão. Além destas publicações o autor ainda ressalta a realização de diversas conferências e o desenvolvimento de inúmeros cursos de especialização com o objetivo de avançar na compreensão do empreendedorismo.

Destaca-se que grande parte destes esforços acadêmicos despendidos, nesta área de pesquisa, foram e são direcionados a obter uma melhor

compreensão do que vem a ser empreendedorismo e como ele se desenvolve na sociedade.

Neste sentido, Dolabela (2008) o define como um neologismo que tem sua origem na palavra *entrepreneurship*, termo utilizado comumente na designação de estudos direcionados ao perfil, origens, atividades e universo de atuação do empreendedor.

Levin (2006), por sua vez, indica que a literatura denota a aplicação do termo em questão para uma ampla variedade de fenômenos, sendo possível compreendê-lo tanto como o estabelecimento de um novo empreendimento sob certas condições de risco e com um grande potencial de retorno financeiro como prêmio à exposição a este, como algo próximo a criação de um invento, sem deixar de destacar a existência de riscos e retornos advindos desta relação. Há ainda, segundo Levin (2006), os que atribuem ao termo a característica de ser apenas um ato que tem como intenção a agregação de valor a um produto ou serviço.

Já Julien (2010), aponta que é possível distinguir entre quatro tipos de empreendedorismo, que não se distanciam dos conceitos anteriormente propostos pelos diferentes autores citados, sendo eles os seguintes: i) o empreendedorismo pode ser uma iniciativa voltada para a criação de uma empresa, ii) para a retomada de uma empresa já existente, iii) uma iniciativa visando um mercado já existente e, por último, iv) uma iniciativa visando a um novo mercado.

Estas quatro visões, de acordo com o autor, se combinam em uma matriz dois por dois de forma a servir de instrumento de análise dos negócios criados pelos empreendedores. No quadrante superior esquerdo se encontra a possibilidade de criação de uma empresa em um mercado já existente, de forma que a organização atuará de maneira a oferecer produtos e/ou serviços já comercializados no mercado, disponibilizando, quando possível, o mínimo de inovação decorrente do fato de que boa parte de sua oferta é centrada na cópia ou reprodução de produtos já conhecidos.

Invariavelmente o surgimento de uma nova empresa poderá estar atrelado ao desenvolvimento de um novo produto/serviço, a criação de novos processos de trabalho ou desenvolvimento de tecnologias inovadoras, criando um mercado para atuação desta recém-criada organização. Neste caso, tal empresa estaria posicionada no quadrante superior direito da matriz proposta.

Há a possibilidade de se assumir a gestão de uma organização já atuante, mas sem grande sucesso, em um mercado consolidado, provocando alterações na maneira de se administrar e operar tal negócio de maneira a torná-lo competitivo no mercado em que atua. Os sujeitos que enfrentam tal desafio seriam agrupados no quadrante inferior esquerdo.

Por fim, Julien (2010) apresenta os indivíduos que se agrupam no quadrante inferior direito, situação onde se tem uma empresa já existente no mercado ampliando seus horizontes de atuação para outro mercado por meio da oferta de novos produtos ou serviços ainda não disponíveis neste novo ambiente competitivo.

Filion (1999), em seu trabalho pioneiro neste campo de pesquisa, alerta que é possível vislumbrar e discutir sobre empreendedorismo partindo de diferentes perspectivas, uma vez que os economistas, por exemplo, usualmente associam o empreendedor à ação de inovação, enquanto os comportamentalistas, por sua vez, frequentemente focam nos aspectos intuitivos e criativos.

Tal multiplicidade de conceitos e dificuldade na identificação de uma definição universal ficam evidentes, também, no trabalho de Dolabela (2008), um dos pesquisadores brasileiros mais reconhecidos nesta área, haja vista que em alguns momentos seu trabalho é direcionado à pesquisa dos comportamentos observados em indivíduos empreendedores e no desenvolvimento de estratégias para a aprendizagem destes comportamentos, bem como também se dedica à discussão das questões econômicas, movimentando seu foco para a compreensão da atividade empreendedora como condutora do desenvolvimento econômico da sociedade.

3 O ENSINO DE EMPREENDEDORISMO

Diante de tamanha complexidade na tarefa de compreender o conceito ora estudado e da importância da atividade empreendedora para a economia das nações, um questionamento frequentemente levantado pelos pesquisadores é se há a possibilidade de ensinar um indivíduo a ser empreendedor e como este ensino pode se organizar na realidade concreta das instituições de ensino.

Wilson (2008) reconhece que a educação tem papel claro e fundamental no processo de formação das atitudes, habilidades e cultura dos indivíduos, desde o nível primário de ensino até os níveis posteriores. Neste sentido, o autor destaca que quanto antes ocorrer a exposição, dos estudantes, aos conhecimentos relacionados à atividade empreendedora, maior será a possibilidade de estes optarem pelo caminho empreendedor no decorrer de suas vidas profissionais.

Vale a pena destacar que a preocupação com este tipo de formação não advém apenas do interesse em aumentar as chances dos que se qualificam nesta área sentirem-se atraídos a desenvolver seu próprio negócio, mas passa,

sobretudo pela necessidade econômica, cada vez mais urgente, de gerar o autoemprego e novos postos de trabalho em uma sociedade hipercompetitiva onde a figura do emprego tem se tornado escasso, como também, segundo Hamburg (2015), pela necessidade de gerar inovação, seja ela de processo, produto ou tecnológica no intuito de responder às demandas presentes no mercado, como demonstra o trecho que segue.

A introdução de cursos voltados para o empreendedorismo justificou-se pela crescente conscientização e tomada de decisão por parte das universidades, no sentido de proporcionar aos seus discentes, competências que lhes deem condições de conseguir um emprego, assim como de sobreviver nesta sociedade altamente competitiva. (HENRIQUE; DA CUNHA, 2008, p. 121).

Fayolle (1998) destaca que o ensino sobre empreendedorismo é centrado no domínio do conhecimento, deixando pouco, ou nenhum, espaço para o aprendizado focado no desenvolvimento de atitudes e habilidade pessoais, configurando uma metodologia tradicional de ensino que busca fornecer informações que poderão ser úteis caso o indivíduo tenha interesse de vir a ser um empreendedor.

Alguns dos problemas identificados no ensino desta disciplina de forma tradicional na educação profissional europeia, de acordo com Hamburg (2015), são os seguintes: métodos de ensino ineficientes, participação limitada dos estudantes, falta de envolvimento de profissionais ligados ao mundo dos negócios, falta do elemento prático na estrutura dos cursos e os conteúdos discutidos não estão conectados às demandas do mercado de trabalho.

Neunreuther citado por Fayole (1998) sugere que, no ensino para o empreendedorismo, o objetivo é a capacitação do indivíduo através da mudança de suas atitudes, hábitos e comportamentos, partindo do pressuposto de que a experiência exerce influência preponderante sobre a formação dos futuros gestores, tendo em vista que o ambiente de trabalho destes indivíduos será altamente ambíguo e imprevisível e o conhecimento, apesar de ser de extrema importância, necessitará ser complementado pela experiência.

Os métodos de aprendizagem aplicados nos cursos que visam à formação para o empreendedorismo são baseados no desenvolvimento de estudos de caso, palestrantes convidados (usualmente com vivência reconhecida no mercado de trabalho), projetos em grupo, desenvolvimento de planos de negócios, apresentações orais de estudantes, avaliação da

participação dos estudantes nas aulas, vídeos, trabalhos práticos, simulação computacional e jogos RPG - Role Playing Game. (FAYOLE, 1998, p. 04).

Para se alcançar este formato de ensino é necessário que as vias de comunicação entre as instituições escolares e as empresas sejam ampliadas, permitindo aos professores obter acesso à prática empreendedora no mercado de trabalho, de forma que eles disponham de conteúdo atualizado para oferecer aos seus estudantes.

Esta ampliação, de acordo com Wilson (2008), passa, também, pela maior participação de empreendedores, já consolidados no mercado, nos cursos ofertados, de maneira compartilhar suas experiências, positivas e negativas, com os estudantes. Outro ponto destacado é a necessidade de viabilizar uma estrutura que amplie o papel das experiências por meio da discussão de estudos de casos reais e adequados à realidade local, projetos e competições de planos de negócios que não se limitem apenas à construção de propostas, mas também, à sua implementação em escala experimental.

No clássico estudo de Vesper (1987) sobre o ensino do empreendedorismo, o autor propõe novos modelos conceituais (...), que englobariam: a) incluir o agir como experiência didática, além do falar, ler e escrever; b) incentivar o contato com empreendedores; c) ter mediações de resultados ligados a projetos que resultem em novos negócios; d) criar uma escola empreendedora; e) não limitar as experiências empreendedoras ao calendário escolar; f) ao avaliar a instituição de ensino contemplar a produção em projetos e subprojetos de criação de empresas (HENRIQUE; CUNHA, 2008, p.127).

Interessante constatar, através do trecho retirado do trabalho de Henrique e Da Cunha (2008) citando o trabalho pioneiro de Vesper (1987) acerca do ensino de empreendedorismo e dos demais autores que abordam o tema em discussão, que assim como as publicações pioneiras, os trabalhos desenvolvidos atualmente apontam para o consenso de que o ensino para o empreendedorismo deve estar em constante relação com a prática de forma a impulsionar a aprendizagem dos estudantes.

A busca na literatura acerca do que se espera obter como resultado de uma formação em empreendedorismo, inicialmente, nos levaria a pensar que a abordagem de ensino para empreendedorismo seria o enfoque com maior possibilidade de cumprir com a proposta de tal formação, assim como se pode perceber na passagem que segue:

Estudantes matriculados em cursos de empreendedorismo, de acordo com Hamburg (2015), devem adquirir diferentes competências conforme o foco de sua aprendizagem:

- Competências empreendedoras, tais como: a compreensão e conhecimento acerca de como abrir e organizar um negócio, assim como habilidades pessoais e atitudes que definam um empreendedor, como, por exemplo, trabalhar em companhias e equipes multinacionais e com profissionais de línguas estrangeiras.

- Habilidades e competências profissionais tais como: conhecimento e compreensão de habilidades para resolução de problemas, trabalho em equipe e segurança e saúde no trabalho. Também é desejável conhecimento e compreensão de áreas relacionadas à operação dos diversos setores de uma empresa, como por exemplo a área financeira, vendas etc.

- Competências sociais e de comunicação, tais como: conhecimento e compreensão de formas de comunicação e relacionamento interpessoal assim como ética, moral e respeito a cultura organizacional.

- Competências pessoais, tais como o desenvolvimento de: autonomia, responsabilidade, compreensão de seu papel em uma organização, sua performance e aprendizado.

No entanto, para Hynes (1996) citado por Henrique e Da Cunha (2008),

[...] a educação empreendedora incorpora métodos formais e informais. Os aspectos formais têm a função de prover aos alunos teorias e conceitos que darão suporte ao campo do empreendedorismo. Essas teorias são ministradas por meio de métodos didáticos como palestras e sugestões de leituras, nos quais o professor age como um perito, facilitando o processo de aprendizagem. Posteriormente, os alunos são avaliados por exames formais que testam seus conhecimentos. Os aspectos informais, então, têm a função de combinar e integrar-se com os aspectos formais, com foco em construção de habilidades, desenvolvimento de atributos (qualidades) e mudança de comportamento. (...) Dessa maneira, os alunos têm possibilidade de aplicar as teorias aprendidas na prática do mercado ou, ao menos, visualizá-las na prática - com o professor atuando como um guia nos meandros deste processo (HENRIQUE; DA CUNHA, 2008, p.126).

Por intermédio desta integração, a formação empreendedora, com Dornelas (2008), consegue sucesso em manter o foco na identificação e no

entendimento das habilidades necessárias ao empreendedor, discutindo o processo de reconhecimento e avaliação de oportunidades de negócio, buscando compreender a relação entre inovação (seja ela em produto, tecnológica ou em processo) e a atividade empreendedora e debatendo o impacto desta organização na economia local, regional e nacional, calcada não apenas no conhecimento empírico mas, também, a partir de fundamentos teóricos consistentes.

4 AVALIANDO O POTENCIAL EMPREENDEDOR

Diante da possibilidade de se ensinar empreendedorismo surge indagações acerca dessa iniciativa, como por exemplo, se são capazes de provocar modificações significativas no indivíduo que passa por este processo de aprendizagem, sejam elas de comportamento ou conhecimento técnico. Para subsidiar tais discussões, não apenas relacionadas à avaliação da aprendizagem sobre e para empreendedorismo, imprime-se, de acordo com de Souza, Fracasso e Lopez Júnior (2008), a aferição do potencial empreendedor que "(...) usando uma lógica e metodologia estabelecida em seus próprios campos de estudo, tem direcionado esforços significativos na identificação das características empreendedoras" (VEIT; GONÇALVES, 2007, p. 29).

De acordo com Souza, Fracasso e Lopez Júnior (2008), a utilização desta abordagem teve início em 1992, com os autores Carland e Carland, a partir da construção do Carland Entrepreneurship Index, instrumento para mensuração do potencial empreendedor que tem por finalidade determinar a propensão existente em um grupo para o desenvolvimento de certas características típicas do empreendedor (destaca-se que os resultados obtidos na validação deste instrumento deram suporte empírico para a aplicação deste modelo, inclusive com trabalhos desenvolvidos no Brasil).

Além das traduções do Carland Entrepreneurship Index para o idioma português do Brasil, é possível verificar, também, na literatura outros instrumentos, desenvolvidos a partir do primeiro, no intuito de superar barreiras culturais decorrentes da aplicação de um instrumento desenvolvido para a população norte-americana, sem adaptações culturais, e apresentar uma melhor acurácia na avaliação das dimensões que se propõe avaliar na população brasileira.

Neste sentido, o instrumento intitulado de PPE - Perfil do Potencial Empreendedor desenvolvido por Gonçalves Filho, Veit e Gonçalves (2007) e, posteriormente, adaptado por Veit et al (2009), no intuito de possibilitar a avaliação do potencial empreendedor de proprietários de empresas informais, assim como o diagnóstico do perfil empreendedor de indivíduos que não

possuem seu próprio empreendimento, apresentou bons resultados quando aplicado a amostras de indivíduos que ainda não possuem empresa própria (amostras semelhantes às pesquisadas neste trabalho).

Quanto às dimensões avaliadas, Gonçalves Filho, Veit e Gonçalves (2007) esclarecem que a competência estratégica tem como foco avaliar a postura proativa e autoconfiança na estratégia dos empreendedores, o planejamento formal revela o grau de formalização de procedimentos e planos por parte do empreendedor, a inovação busca diagnosticar a propensão à inovação e criatividade existentes no trabalho deste indivíduo, a dedicação corresponde à centralidade dos negócios na vida do mesmo em relação à família e suas outras atividades, a dimensão risco avalia a disposição à aceitação de riscos em seus negócios, o relacionamento indica a facilidade com que o empreendedor se relaciona com membros de sua equipe e outros profissionais, o pensamento analítico demonstra a afinidade do indivíduo com o processo de planejamento formal e pensamento analítico e, por fim, o desafio aponta o grau em que o empreendedor enxerga o sucesso de seu negócio como algo desafiante, uma meta pessoal.

5 METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida abordou as questões discutidas nos objetivos a partir de uma pesquisa exploratória, descritiva apoiada nos princípios da abordagem quantitativa. Para Guimarães, Martins e Guimarães (2004), a abordagem quantitativa propõe a apresentação e manipulação numérica de observações com vistas a descrever e explicar um fenômeno.

A população selecionada para o desenvolvimento desta pesquisa foi composta por 36 indivíduos, estudantes do 7º Semestre dos cursos Técnicos Integrados de Eletrotécnica e Mecânica do Campus Campo Grande do IFMS. A escolha destes indivíduos se deu pelo fato que estes estudantes cursaram a disciplina de empreendedorismo, ministrada de maneira tradicional aos moldes do delineamento teórico discutido no referencial deste trabalho, e simultaneamente 08 destes estudantes participaram do programa para formação de empreendedores denominada mini empresa, oferecido pela ONG Junior Achievement. Este programa se caracteriza como uma forma de ensino para o empreendedorismo calcado fortemente na vivência de experiências relacionadas à gestão de um pequeno empreendimento advindas da simulação da abertura e gestão de uma pequena empresa durante um período de quatro a seis meses.

O instrumento aplicado para a avaliação do potencial empreendedor da amostra estudada foi o PPE Perfil do Potencial Empreendedor desenvolvido

por Gonçalves Filho, Veit e Gonçalves (2007) e, posteriormente, adaptado por Veit et al (2009). Composto de 52 questões divididas em 08 dimensões (risco, planejamento formal, pensamento analítico, inovação, relacionamento, desafio, dedicação e competência estratégica) avaliadas através de uma escala tipo Likert de 10 pontos (1 - Nunca a 10 - Frequentemente), com Alpha de Cronbach superior a 0,700 em todas as dimensões (VEIT *et al*, 2009, p. 08).

Para a análise dos dados coletados foram elaboradas tabelas contendo estatísticas descritivas relacionadas ao perfil da amostra e seu potencial empreendedor. No intuito de testar a hipótese de que os estudantes submetidos a uma formação empreendedora tradicional associada às metodologias de ensino para o empreendedorismo apresentariam um potencial empreendedor em nível acima dos demais, decorrente da participação em um programa alinhado às práticas preconizadas no referencial teórico deste trabalho acerca da formação empreendedora, foi realizado o teste para comparação das médias entre ambos os grupos (ANOVA), através do software para análise estatística SPSS 20.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para realização deste trabalho 36 estudantes dos cursos Técnicos de Eletrotécnica e Mecânica foram convidados a participar do estudo, sendo que 23 se dispuseram a responder aos questionários. Dos questionários respondidos, um instrumento foi invalidado para a análise do potencial empreendedor em virtude do não preenchimento de mais de 50% das questões propostas, obtendo-se então uma amostra de 22 indivíduos.

A tabela 1 contém dados referentes à caracterização da amostra estudada, apresentando: faixa etária, sexo, curso e se o estudante pesquisado exerce algum tipo de trabalho ou estágio.

Tabela 1: Caracterização da amostra

VARIÁVEIS	CATEGORIA	N	%
Sexo	Masculino	13	59,1%
	Feminino	09	40,9%
	Total	22	100,0%
Idade	16 anos	01	4,5%
	17 anos	07	31,8%

	18 anos	13	59,1%
	19 anos	01	4,5%
	Total	22	100,0%
Curso	Eletrotécnica	13	59,1%
	Mecânica	09	40,9%
	Total	22	100,0%
Está trabalhando	Sim	06	27,3%
	Não	16	72,7%
	Total	22	100,0%

Fonte: Dados da pesquisa.

A análise dos dados, também, revelou que, dos estudantes participantes da pesquisa realizada, 36,4% (n=08) estavam inscritos do programa Mini Empresa ofertado pelo IFMS, em parceria com a ONG Junior *Achievement*, no semestre 2014.2, 27,3% (n=06) exerce algum tipo de trabalho (seja ele estágio ou trabalho regular) e 72,7% (n=16) tem interesse de abrir um negócio próprio no futuro. Vale a pena destacar que 50% (n=11) da amostra considera que seu curso no IFMS lhes capacita a abrir um negócio próprio, enquanto 31,8% (n=7) dos pesquisados pensa o contrário e 18,2% (n=4) não responderam a questão.

Em relação a avaliação do potencial empreendedor, a tabela que segue apresenta a média, desvio padrão, mínimo e máximo aferido pelo grupo pesquisado, sendo que com base nos parâmetros para análise dos resultados apresentados, de acordo com o proposto por Veit *et al.* (2009), é possível caracterizar o potencial empreendedor dos estudantes desta amostra na tabela 2.

Tabela 2: Potencial empreendedor dos estudantes em geral

FATORES	MÉDIA (D.P.)	MÍNIMO	MÁXIMO
Competência Estratégica	7,83 (±1,29)	4,50	9,63
Risco	7,30 (±1,03)	5,20	9,20
Inovação	7,60 (±1,65)	3,43	9,71
Planejamento Formal	8,24 (±0,98)	6,17	9,83
Dedicação	6,38 (±1,57)	2,71	9,00
Relacionamento	7,82 (±1,18)	4,80	9,60

Desafio	8,03 ($\pm 1,06$)	5,75	9,75
Pensamento Analítico	7,57 ($\pm 0,79$)	5,80	8,60
PPE	7,64 ($\pm 0,82$)	6,17	9,04

Fonte: Dados da pesquisa.

Outro dado importante revelado pela pesquisa acerca do potencial empreendedor do grupo estudado, além da média, desvio padrão, mínimo e máximo, é a distribuição do potencial empreendedor dos estudantes frente aos parâmetros de classificação propostos por Veit et al. (2009), informação está apresentada na tabela 3.

Tabela 3: Distribuição do potencial empreendedor dos estudantes nos diferentes níveis

PPE	N	%
Muito baixo ($0,00 \leq 7,46$)	10	45,5%
Baixo ($7,47 \leq 8,02$)	03	13,6%
Médio ($8,03 \leq 8,43$)	05	22,7%
Alto ($8,44 \leq 8,87$)	03	13,6%
Muito Alto ($8,88 \leq 10,00$)	01	04,5%

Fonte: Dados da pesquisa

Uma vez que o propósito deste trabalho é identificar se há diferença significativa do potencial empreendedor apresentados pelos estudantes que cursaram a disciplina apenas em seu formato tradicional em relação aos que cursaram concomitantemente ao programa Mini Empresa, a tabela 4 vem apresentar os resultados aferidos por ambos os grupos nas oito dimensões que compõem o potencial empreendedor, bem como no índice geral do potencial empreendedor (PPE) calculado com base nestas dimensões.

De acordo com a tabela construída, com base nos dados apurados na pesquisa para os diferentes grupos, é possível verificar que os estudantes que participaram das aulas tradicionais de forma concomitante ao projeto Mini Empresa apresentaram resultados médios ligeiramente superiores nos fatores: risco, planejamento formal, dedicação e pensamento analítico.

Por sua vez, os estudantes que participaram apenas das aulas tradicionais apresentaram resultados médios ligeiramente superiores nos fatores: competência estratégica, inovação, relacionamento, desafio e na medida geral do potencial empreendedor (PPE).

Como proposto na metodologia desta pesquisa, de forma a superar a superficialidade das discussões realizadas apenas com base na média sem levar em consideração a variabilidade do desvio padrão dos dados apurados, os resultados do levantamento realizado foram submetidos a análise de variância (ANOVA) de maneira a verificar se, estatisticamente, existe diferença significativa entre as médias apresentadas pelos diferentes grupos.

Tabela 4: Média geral, estudantes que participaram apenas das aulas tradicionais de empreendedorismo e estudantes que participaram das aulas tradicionais e concomitantemente do projeto Mini Empresa.

FATORES	MÉDIA GERAL (D.P.)	MÉDIA AULA TRADICIONAL E MINI EMPRESA (D.P.)	MÉDIA AULA TRADICIONAL (D.P.)	P VALOR
Competência Estratégica	7,83 (±1,29)	7,62 (±1,23)	7,95 (±1,36)	0,318
Risco	7,30 (±1,03)	7,45 (±0,82)	7,21 (±1,15)	0,618
Inovação	7,60 (±1,65)	7,26 (±1,88)	7,79 (±1,55)	0,504
Planejamento Formal	8,24 (±0,98)	8,38 (±0,91)	8,16 (±1,05)	0,241
Dedicação	6,38 (±1,57)	6,62 (±1,36)	6,25 (±1,71)	0,272
Relacionamento	7,82 (±1,18)	7,37 (±1,50)	8,08 (±0,92)	1,907
Desafio	8,03 (±1,06)	7,77 (±1,27)	8,18 (±0,95)	0,749
Pensamento Analítico	7,57 (±0,79)	7,76 (±0,47)	7,47 (±0,92)	0,680
PPE	7,64 (±0,82)	7,55 (±0,90)	7,69 (±0,80)	0,694

Fonte: Dados da pesquisa.

Para realização desta verificação, tem se como hipótese nula a igualdade entre as médias nos oito fatores e na dimensão geral do potencial

empreendedor para ambos os grupos pesquisados. Diante dos valores obtidos para o *p-valor* dos diferentes fatores e na dimensão geral, não se pode rejeitar a hipótese nula de igualdade entre as médias aferidas pelos diferentes grupos.

Isto significa que estatisticamente não se constatou diferença significativa entre o potencial empreendedor dos estudantes que cursaram apenas a disciplina de empreendedorismo, no formato tradicional, e dos estudantes que participaram, de forma adicional e concomitante, do projeto Mini Empresa ofertado pela ONG Junior *Achievement*.

Muito embora os resultados apurados sigam na contramão da teoria apresentada no referencial teórico deste trabalho, vale salientar que em pesquisa semelhante, realizada por Oosterbeek, Praag e Jsselstein (2008), desenvolvida para apurar os efeitos do programa Mini Empresa sobre o potencial empreendedor dos estudantes, em uma escola técnica na Holanda, foi constatado que o impacto no potencial empreendedor dos mesmos era estatisticamente insignificante.

Entretanto, apesar dos fatos apurados em ambas as pesquisas não apontar para uma contribuição significativa do ensino baseado na prática e simulação de vivências do ambiente real do mundo dos negócios para o desenvolvimento do potencial empreendedor dos estudantes, cabe salientar que não foi submetido a análise, em ambos os trabalhos, os métodos utilizados para colocar esta forma de trabalho em prática, juntamente com os elementos teóricos tradicionais, e como os estudantes respondiam a estas metodologias, sendo este elemento um fator de importância significativa de acordo com o referencial apresentado.

7 CONCLUSÃO

A partir da análise dos dados apurados na pesquisa, foi possível constatar que a participação dos estudantes, do 7º semestre dos cursos Técnicos de Eletrotécnica de Mecânica do IFMS, simultaneamente em um curso de empreendedorismo, ofertado de forma tradicional, e do projeto Mini Empresa, baseado em simulações do ambiente real das empresas, aos moldes do proposto por Hynes (1996) apud Henrique e Da Cunha (2008), não impactou de forma significativa na alteração do potencial empreendedor dos estudantes deste grupo quando comparados aos de outros estudantes que participaram apenas da disciplina de empreendedorismo em seu formato tradicional.

No entanto, vale salientar, que o instrumento utilizado, nesta pesquisa, não tem por finalidade mensurar ou identificar a aprendizagem de determinado conceito aprendido ou trabalhado na disciplina de empreendedorismo, se restringindo a mensurar o potencial empreendedor de uma determinada

população. Justifica-se, entretanto, a utilização deste instrumento, pois, conforme Dornelas (2008) espera-se que o aprendizado proveniente do estudo desta disciplina provoque alterações no comportamento destes indivíduos, razão pela qual o aprendizado, calcado na experimentação prática e simulações, torna-se tão valioso.

Pela abrangência do estudo aqui realizado, em nenhum momento este trabalho teve a pretensão de provar ou afirmar que esta ou aquela metodologia de ensino é, ou não, eficaz frente aos objetivos a que se propõe atingir, mas sim se pretendeu aprofundar as discussões e o conhecimento nesta área de pesquisa, para que se possa, no futuro, fornecer dados para subsidiar a prática concreta dos profissionais da educação.

REFERÊNCIAS

- SILVA, J. F.; PENA, R. P. O. “Bê-Á-Bá” do Ensino em Empreendedorismo: Uma Revisão da Literatura Sobre os Métodos e Práticas da Educação Empreendedora. **Revista ReGePe**, v. 6, n. 2, p. 372-401, 2017.
- DE SOUZA, E. C. L.; FRACASSO, E. M.; LOPEZ JÚNIOR, G. S. **Empreendedorismo e atitude empreendedora: conceitos e construção de escalas**. V EGEPE - Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas, São Paulo, 2008.
- DOLABELA, F. **Oficina do empreendedor**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.
- DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios**. 3 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.
- FAYOLLE, A. Teaching of Entrepreneurship: Outcomes from an innovative experience. **International Entrepreneurship Education and Training - 8^a annual conference**. Oestrich-Winkel, 1998.
- FILION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **Revista de Administração**. São Paulo, v. 34, n. 2, abr./jun. 1999, p. 05-28.
- GONÇALVES FILHO, C.; VEIT, M. R.; GONÇALVES, C. A. Mensuração do perfil do potencial empreendedor e seu impacto no desempenho das pequenas empresas. **Revista de Negócios**. Blumenau, v. 12, n. 3, jul./set. 2007, p. 29-44.
- GUIMARÃES, L. A. M.; MARTINS, D. de A.; GUIMARÃES, P. M. Os métodos qualitativo e quantitativo: similaridades e complementaridade. In: GRUBITS, S.; NORIEGA, J. A. V. (Orgs.). **Método qualitativo: epistemologia, complementaridades e campos de aplicação**. São Paulo: Vetor, 2004.

HAMBURG, I. Learning approaches for Entrepreneurship education. **Advances in Social Sciences Research Journal**. Greater Manchester, v. 3, n. 1, 2015, p. 228-237.

HENRIQUE, D. C.; DA CUNHA, S. K. Práticas didático-pedagógicas no ensino de empreendedorismo em cursos de graduação e pós-graduação nacionais e internacionais. **RAM - Revista de Administração Mackenzie**. São Paulo, v. 9, n. 5, 2008, p. 112-136.

JULIEN, P. A. **Empreendedorismo regional e a economia do conhecimento**. São Paulo: Saraiva, 2010.

LEVIN, H. M. Why is educational entrepreneurship so difficult? In: HESS, F. **Educational Entrepreneurship**. Cambridge: Harvard Education Press, 2006.

LUSSIER, R. N.; CORMAN, J.; KIMBALL, D. C. **Entrepreneurial new venture skills**. 3 ed. New York: Routledge, 2015.

OLOMI, D. R.; SABOKWIGINA, D. Entrepreneurship Education in Tanzanian business Schools: a nationwide survey. **12° International Conference of African Entrepreneurship and Small Business Development (ICAESB)**. Zanzibar, 2010.

OOSTERBEEK, H.; PRAAG, M. V.; JSSELSTEIN, A. I. The impact of entrepreneurship education on entrepreneurship competencies and intentions: an evaluation of the Junior Achievement Student Mini Company Program. **IZA Discussion Paper**. Bonn, n. 3641, 2008.

VEIT, M. R. et al. Mensuração do perfil do potencial empreendedor: desenvolvimento de uma escala no cenário brasileiro. **Anais ... IV Encontro de Estudos em Estratégia**. Recife, 2009.

PACHECO, E. M.; MORIGI, V. (Org.). **Ensino Técnico, Formação Profissional e Cidadania: a revolução da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil**. Porto Alegre: Tekne, 2012.